



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**CAROLINE MENDEZ IZIDRO**

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DA  
GRAVIDEZ PRECOCE**

ARIQUEMES - RO  
2019

**Caroline Mendez Izidro**

**ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DA  
GRAVIDEZ PRECOCE**

Monografia apresentado ao curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA como requisito parcial à obtenção do Grau de Bacharel em Enfermagem.

Prof. <sup>a</sup> Orientadora: Esp. Jessica de Sousa Vale

Ariquemes - RO

2019

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA**

---

IZ98a

IZIDRO, Caroline Mendez.

Atuação do enfermeiro na prevenção da gravidez precoce. / por Caroline Mendez Izidro. Ariquemes: FAEMA, 2019.

45 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Enfermagem - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Esp. Jessica de Sousa Vale.

1. Adolescência. 2. Sexualidade. 3. Educação sexual. 4. Enfermeiro. 5. Gravidez. I Vale, Jessica de Sousa. II. Título. III. FAEMA.

CDD:610.73

---

**Bibliotecária Responsável**  
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro  
CRB 1114/11

**Caroline Mendez Izidro**  
<http://lattes.cnpq.br/5614053123927688>

## **A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE**

Monografia apresentado ao curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Enfermagem.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Jessica de Sousa Vale  
<http://lattes.cnpq.br/9337717555170266>  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

---

Prof. Esp. Katia Regina Gomes Bruno  
<http://lattes.cnpq.br/8136021782733603>  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

---

Prof.<sup>a</sup> Esp Fabiola de Souza Ronconi  
<http://lattes.cnpq.br/6092511123795801>  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 16 de setembro de 2019.

*À minha família razão do meu viver.*

## AGRADECIMENTOS

*Primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.*

*Aos meus pais Nelson dos Prazeres Izidro e Janete Vania Arce Izidro que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, sem vocês nada disso seria possível.*

*A minha irmã Karine Mendez Izidro que com todo amor e carinho sempre me incentivou a ir ao encontro desse sonho.*

*Ao amigo que se tornou irmão Joaquim Maia Neto, que sempre me acolheu em sua casa com todo carinho, sem você essa jornada essa seria difícil.*

*Aos meus companheiros de graduação Joice Martins, Emílie Costa e Victor Sousa, todos os momentos que vivemos se tornaram inesquecíveis, vocês são os melhores.*

*As minhas amigas Camila e Ayla, que sempre me deram colo quando tudo parecia dar errado, o apoio de vocês foi fundamental para a conclusão desse trabalho.*

*A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.*

*Tenho em mim todos os sonhos do mundo*

***Fernando Pessoa***

## RESUMO

Atualmente a gravidez na adolescência se tornou um problema de saúde pública uma vez que a gestação precoce ocasiona grandes danos na saúde mental e física do ser humano. Diante do grande índice de gravidez na adolescência, existe uma necessidade de entender os dilemas e conflitos que são enfrentados nesse período de tantas mudanças. Este estudo tem por objetivo descrever a atuação do enfermeiro na prevenção da gravidez precoce . A metodologia utilizada foi levantamento bibliográfico, fundamentada através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Online (SciElo), sistema de informação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Os resultados desse estudo apontaram que o enfermeiro é um profissional importante frente a prevenção da gravidez precoce por atuar, no atendimento individual, planejamento familiar e educação em saúde.

**Palavras – chaves:** Adolescência, Sexualidade, Educação Sexual, Enfermeiro.

## ABSTRACT

Given the high rate of teenage pregnancy, there is a need to understand the dilemmas and conflicts that are faced in this period of so many changes. Currently teenage pregnancy has become a public health problem since early pregnancy causes major damage to the mental and physical health of humans. This study aims to describe the period of adolescence, highlight the main challenges faced by young people related to sexuality and report the role of nurses in preventing early pregnancy. The methodology used was a bibliographic survey, based on the Virtual Health Library (VHL), Scientific Electronic Online (SciELO), information system of the World Health Organization (WHO).

**Keywords:** Adolescence, Sexuality, Sex Education Pregnancy,

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABS</b>	Atenção Básica de Saúde
<b>BVS</b>	Biblioteca Virtual de Saúde
<b>CISA</b>	Centro de Informação sobre Saúde e Álcool
<b>DeCS</b>	Descritores em ciências da saúde
<b>DIU</b>	Dispositivo Intrauterino
<b>ECA</b>	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>EFS</b>	Estratégia Saúde da Família
<b>FAEMA</b>	Faculdade de educação e meio ambiente
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>INCA</b>	Instituto Nacional do Câncer
<b>IST</b>	Infecção Sexualmente Transmissível
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PSE</b>	Programa Saúde na Escola
<b>SciELO</b>	Scientific Electronic Library online
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo
<b>PENSE</b>	Pesquisa nacional de saúde do escolar

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>3</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	3
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	3
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>4</b>
<b>4 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>5</b>
4.1 ADOLESCENCIA E SUAS CARACTERISTICAS .....	5
4.2 ADOLESCENCIA E SEXUALIDADE .....	8
4.3 INCIDENCIA DE GESTAÇÃO NA ADOLESCENCIA, FATORES ASSOCIADOS E CONSEQUENCIAS .....	12
4.3.1 FATORES RELACIONADOS A GESTAÇÃO PRECOCE.....	13
<b>4.3.2 Consequências da gestação precoce</b> .....	<b>15</b>
<b>4.4 O enfermeiro como a gente na prevenção da gravidez precoce</b> .....	<b>17</b>
4.4.1 Planejamento familiar .....	17
4.4.2 Educação sexual.....	18
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>23</b>

## INTRODUÇÃO

A adolescência é a etapa da vida onde ocorrem diversas alterações biológicas e psicossocial, definida como a segunda década da vida dos 10 a 19 anos de idade, época de novas interações sociais e conflitos consigo mesmo devido ao novo corpo. (SCHOR et al, 2016).

Ainda de acordo com Schor, et al (2016), devido a grandes mudanças hormonais o adolescente acaba descobrindo novos sentimentos tais como: atração sexual, angústia e desejo de viver intensamente. Posteriormente tornam-se vulneráveis a gestação precoce e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Informações do Brasil (2017) apontam que a cada ano, mais de 500 mil meninas entre 10 e 19 anos têm filhos no Brasil. Devido a este grande índice, a gestação na adolescência se torna um problema de saúde pública, visto que uma gestação precoce interfere de maneira direta na vida do adolescente, interrompendo sonhos e plano de vida.

O Ministério da Saúde (MS) oferece uma série de métodos contraceptivos gratuitos por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), onde são ofertados preservativo masculino e feminino, pílula combinada, anticoncepcional injetável mensal e trimestral, dispositivo intrauterino com cobre (DIU), diafragma, anticoncepção de emergência e minipílula. (BRASIL, 2019).

Além disso, o MS tem realizado diversas ações a fim de expandir as informações fornecidas aos jovens nas escolas e centro de saúde, com propósito de conscientizar essa população quanto a relações sexuais e gravidez não planejada, uma vez que grande parte das gestações é indesejada.

Estudos apontam que a gestação na adolescência está diretamente ligada com fatores socioeconômicos tais como: evasão escolar, desemprego, ingresso precoce em um mercado de trabalho não qualificado, separação conjugal, situações de violência e negligência, diminuição das oportunidades de mobilidade social, além de maus tratos infantis. (DIAS et al, 2010).

As ações preventivas de educação sexual e reprodutiva deve englobar a dimensão do coletivo e princípios culturais, procurando consolidar os diálogos nos diversos níveis de atenção à saúde, visto que uma assistência de qualidade é direito de todo indivíduo. (FILHA et al, 2014).

O profissional de enfermagem dispõe de técnicas fundamentais no processo de educação em saúde, visto que possuem conhecimento e recursos para realizar busca ativa e identificar fatores de riscos que os jovens tendem a enfrentar nessa fase, além do mais, o enfermeiro trabalha de maneira interdisciplinar com a equipe da escola através do Programa Saúde na Escola (PSE). (DA SILVA et al, 2016).

Frente aos índices elevados de gravidez na adolescência existe uma necessidade de buscar programas e novas formas de dialogar com os jovens a respeito de sexualidade. O profissional de enfermagem é indicado para realizar práticas preventivas, já que através do programa saúde da família tem a disponibilidade de programar, planejar e implementar projetos que objetivem a prevenção e orientação voltada para os jovens levando-os à uma importante reflexão em relação ao uso de métodos contraceptivos, sexualidade e o próprio corpo. Portanto este trabalho tem por objetivo analisar o papel da enfermagem da atenção primária em saúde no controle da gravidez precoce.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever a atuação do enfermeiro na prevenção da gravidez precoce.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discorrer o período da adolescência;
- Apontar os principais desafios enfrentados pelos jovens relacionados à sexualidade;
- Elencar os principais fatores associados a uma gestação precoce;
- Apontar danos ocasionados pela gravidez na adolescência.

### 3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, realizada através de levantamento bibliográfico científico de caráter exploratório, com base em artigos indexados e publicados nas bases de dados como: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), ScientificElectronic Library Online (SCIELO), Manuais do Ministério da Saúde, Revista do Adolescente, os descritores em ciências da saúde (DeCS): Adolescência, Sexualidade, Educação Sexual, Enfermeiro.

O levantamento das fontes de publicações foi realizado no mês de setembro de 2018 a agosto de 2019. onde foram utilizados os seguintes critérios de inclusão que corresponderam a referência disponibilizadas na íntegra, publicada e escritos em línguas nacionais e internacionais, que abordassem a temática proposta, quanto seu delineamento temporal das referências utilizadas neste trabalho foram selecionados artigos publicados no período de 2009 a 2019, coerentes com a temática da pesquisa. Os critérios de exclusão contemplaram materiais que não abordavam a proposta da temática e/ou que não caberiam dentro dos critérios de inclusão descritos anteriormente

Foram utilizadas 70 referências no total, sendo em revistas 32 (46,00%), Artigos 25(36%), Manuais do Ministério da Saúde 10 (14,00%), Trabalho de Conclusão de Curso 02(3,00%), Artigo de língua estrangeira 1 (1, %).

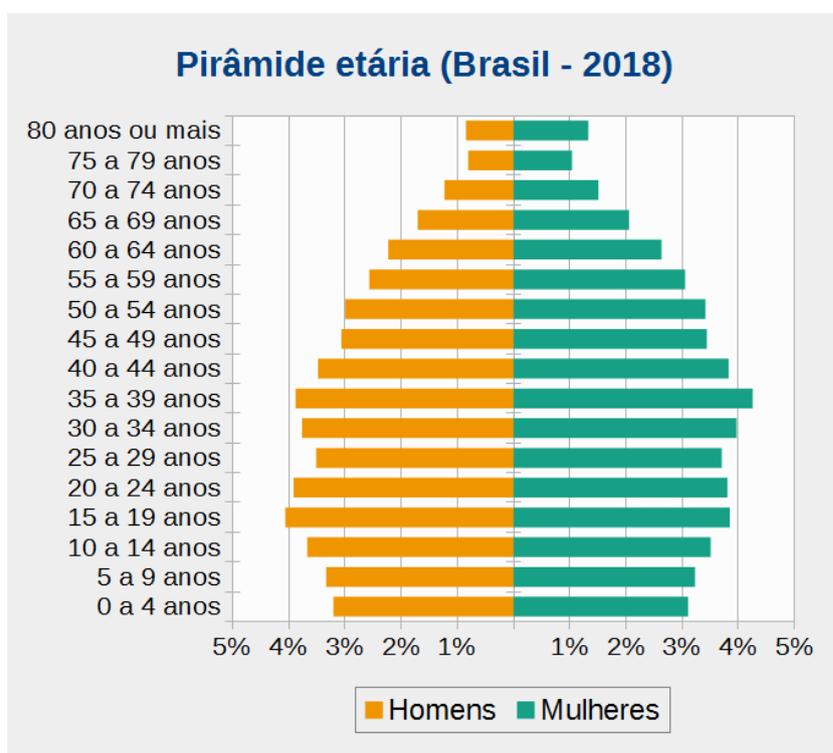
## 4 REVISÃO DA LITERATURA

### 4.1 ADOLESCÊNCIAS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Segundo a OMS, a adolescência é a fase da vida que se inicia aos 10 anos de idade e se finaliza aos 19 anos, já no Brasil de acordo com Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) adolescente é todo indivíduo entre doze e dezoito anos completo.

Conforme dados do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), a previsão é que o Brasil tenha 210,1 milhões de habitantes e uma taxa de crescimento populacional de 0,79% ao ano.

Imagem 1. Estimativa de faixa etária no Brasil para o ano 2018.



Diante dos tabus e mitos que cercam essa fase da vida, a sociedade confunde a adolescência com puberdade, porém é possível afirmar que a puberdade é o início da adolescência, e é caracterizada pelas mudanças físicas e psicológicas, ocorre entre 10 e 13 anos no sexo masculino enquanto no sexo feminino ocorre entre 12 e 14 anos, e é no decorrer da puberdade que se inicia o desenvolvimento das características sexuais. (DOMINGUES, 2016).

Ainda segundo Domingues (2016), a puberdade traz consigo sentimentos desordenados, causando grande confusão, fúria e rebeldia. O que resulta em conflitos familiares já que o jovem tende a descontar todas suas frustrações nas pessoas que vivem a sua volta.

Segundo Munslinger, et al (2016), é nesse momento que o ser humano passa por intensas mudanças que influencia no modo como se relaciona com a família e amigos. Nas modificações físicas aparecem mudanças no corpo e o desenvolvimento de órgãos sexuais, enquanto no aspecto psicológico é possível notar as alterações de humor, e dúvidas referentes a valores transmitidos por seus pais.

A puberdade é a fase de mudanças entre a infância e a fase adulta, tem início aos 12 anos de idade para meninas e 13 anos de idade para os meninos. Nessa etapa ocorrem diversas modificações endócrinas e psicológicas, que dão início a maturação sexual, é definida como a última fase do desenvolvimento físico humano. (BURATTI et al., 2019).

É nesse período que a criança perde suas características infantis e passa a sentir as primeiras modificações físicas. No sexo feminino o estrogênio e a progesterona dão início aos primeiros aspectos sexuais enquanto no sexo masculino o responsável pela aparição dos instintos sexuais é o hormônio denominado testosterona. (FERRIANI e SANTOS, 2011).

Segundo Campolina e Oliveira (2017), o processo de transição da infância para a adolescência é definido por alterações hormonais que interferem diretamente nos princípios, afetividade e emoções, já as mudanças biológicas acontecem naturalmente, de forma distinta em ambos os sexos.

Quadro 1. Características da puberdade

<b>MENINAS</b>	<b>MENINOS</b>
Estirão de crescimento pômdero-estatural	Estirão de crescimento pômdero-estatural
Primeira menstruação	Primeira ejaculação
Surgimento de pelos pubianos e axilas	Surgimento de pelos pubianos, face e axilas
Crescimento do broto mamário	Desenvolvimento do sistema cardiorrespiratório, predominantemente da força e da resistência
Órgão reprodutor pronto para fecundação	Crescimento do órgão reprodutor

Fonte: Viola e Vorcaro (2015).

Já Dias, et al (2017), afirma que a adolescência é um evento que ocorre naturalmente na vida do ser humano é a fase de aprendizagem e adoção de novas condutas e comportamentos, contudo o adolescente precisa vivenciar esse momento de forma saudável, para que atinja a vida adulta sem traumas.

Caracterizada como a fase de transição da infância para a vida adulta, a adolescência traz consigo diversas dúvidas e descobertas, por isso é comum que o jovem se sinta distante da família e busque laços de afeto com outros adolescentes. Convém lembrar que a vivência da adolescência traz inúmeras preocupações para os pais, professores e profissionais de saúde uma vez que a afinidade e o afeto podem acontecer com grupos que esteja compartilhando vícios em drogas e álcool o que pode influenciar o adolescente a participar dessa mesma vivência. (RIBEIRO et al., 2017).

A adolescência é definida como o período de inúmeras incertezas e curiosidades, já que identidade pessoal do indivíduo está em fase de formação,

momento em que os valores passados por seus pais e até mesmo valores culturais são postos em dúvida, é a partir daí que o jovem sai em busca de aceitação e acaba consumindo álcool ou outro tipo de droga. (FREITAS et al., 2019).

Para Canavez, et al (2017), essa fragilidade emocional desencadeia o chamado “conflito da adolescência”, nessa circunstância o abuso de droga surge como uma forma de alívio a toda tensão, além disso, o uso de droga e álcool é visto como uma forma de diversão e socialização entre os colegas, colocando os jovens em situações de riscos como: relação sexual forçada, brigas e problemas de saúde .

A adolescência atual é denominada por geração Z, formada por indivíduos que nasceram entre 1990 até 2010. O Z vem de “zapear”, do inglês o verbo “to zap” que tem o significado executar atividade rapidamente com energia e entusiasmo. A principais características da geração Z é a rapidez ao acesso às informações e a facilidade com que se irritam quando não as conseguem rapidamente. (MENDES e CASSINO, 2017).

A partir da era tecnológica nasceram os “nativos digitais”, indivíduos nascidos depois do ano de 1980 que fazem o uso contínuo de tecnologia e aparelhos de comunicação, torna os adolescentes cada vez mais participativos, podem contribuir com ideias para a sociedade contemporânea e, ingressar cada vez mais cedo ao mercado de trabalho. (CAMPIEZ et al.,2017).

Para Reis, et al (2018), a faixa etária de 18 e 20 anos de idade é o início da vida adulta, os dilemas enfrentados nessa fase estão relacionados a vida financeira e projetos futuros, é importante ressaltar que para se torna um adulto maduro emocionalmente os dilemas da adolescência devem estar totalmente resolvidos.

## 4.2 ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Durante o século XIX a sexualidade era algo totalmente privado e ligado à integridade e religião e ensinado através das teorias da teologia que julgava o que era permitido e proibido, porém, com o passar do tempo e a chegada da “modernidade”, o conceito de sexualidade sofreu grandes modificações tornando-se cada vez mais liberal. (NEVES, 2019).

Por muito tempo a sexualidade foi tratada como um conteúdo individual, um assunto do qual era discutido somente pelo sexo masculino de maneira particular e

discreta, as relações sexuais era um direito somente dos adultos e ocorria após os laços matrimoniais. (LOPES, 2017).

O desenvolvimento da sexualidade é marcado por fatores culturais e sociais, incluindo o modo como o indivíduo se relaciona socialmente baseado na sua compreensão de gênero que são moldadas desde a infância. (VASCONCELOS et al., 2019).

A vivência da sexualidade está presente em todas as fases da vida de mulheres e homens, começando no nascimento e estendendo-se até o momento da morte, porém é na adolescência que a sexualidade do indivíduo começa a ser explorada através da descoberta de desejos em relação ao seu novo corpo. (MOURA et al., 2016).

De acordo com Nogueira, et al (2017), a sexualidade humana envolve inúmeros fatores e princípios e existem inúmeras formas de compreender a sexualidade e diferentes aspectos, como o amor e o afeto na particularidade de cada indivíduo. Desta forma a sexualidade deve englobar aspectos biológicos (sexo feminino e masculino que se distinguem através de seus órgãos reprodutores), sociais (o papel que o homem e mulher executam na sociedade transmitidos por uma cultura) e psicológicos (o conceito individual que cada um tem a respeito de sexualidade).

Além disso, é durante a adolescência que a expressividade sexual se inicia e começa a ser definida, é nesse momento que ocorre as maiores descobertas: a sensação do primeiro beijo, a primeira paixão e o primeiro amor, mas existe uma explicação biológica para isso, entre as inúmeras modificações que ocorre no cérebro do jovem destaca-se intensificação do límbico que é a parte responsável do cérebro que libera felicidade e prazer por um novo intermédio: sexo. (CARVALHO et al., 2017).

Com a chegada da puberdade, o interesse por alguém do outro sexo se torna ainda maior é importante ressaltar que com o passar do tempo essa relação se modificou podendo ser mais longa ou mais curta sendo denominada como namorar ou ficar, vai depender da história de vida dos envolvidos. (SAVEGNAGO et al., 2016).

Conseqüentemente, a sexualidade abrange inúmeros sentimentos tais como: gênero, prazer, religião, identidade própria e saúde reprodutiva, interferindo diretamente na qualidade de vida do indivíduo e influência o modo como o ser

humano vai se relacionar e agir frente a sociedade, e quando vivenciada na adolescência se torna um marco histórico já que a partir daquele momento o indivíduo passa a ter identidade sexual. (DE LIMA et al., 2018).

Contudo, Florentino, et al (2017), explica que a primeira relação sexual é um assunto de relevância a ser discutido dentro ambiente familiar, por ser considerado um assunto polêmico a maioria dos pais apresentam dificuldades em manter um diálogo com seus filhos.

Longo e Neto (2016), afirmam que apesar de antiquado mesmo nos dias atuais a perda da virgindade ainda é considerada um tabu principalmente se tratando do sexo feminino uma vez que ainda existe a cultura de que a perda da virgindade feminina antes dos laços matrimoniais significa não ser “uma moça de família”, deste modo as filhas não sentem confiança de dialogar e acabam optando por não conversar com seus pais, prejudicando o vínculo e companheirismo que deve existir entre pais e filhas.

Por outro lado, a iniciação sexual é estimulada através de alguns fatores especialmente o modelo de comportamento imposto pela sociedade, no qual cabe aos homens o papel de não resistir ao impulso sexual, e às mulheres cabe o papel de controlar seus impulsos. (BORGES, 2009).

Segundo Hugo, et al (2011), o início da vida sexual, é vista como um acontecimento importante na vida do ser humano que ocorre naturalmente. Atualmente tem acontecido cada vez mais cedo, no cenário brasileiro a idade é de 14 anos para meninos e 15 anos pra as meninas. Para o sexo masculino o ato sexual representa masculinidade enquanto as mulheres em sua maioria estão em “busca do amor”.

Não é possível dizer se existe uma idade adequada para o início da vida sexual, no entanto acredita-se que quanto mais precoce, maiores são os riscos já que a falta de experiência e conhecimento podem levar a contaminação por ISTs e gravidez não planejada. (MORAES et al; 2019).

De acordo com dados do Governo do Rio de Janeiro (2018), no Brasil cerca de 56% dos adolescentes iniciaram a vida sexual antes dos 18 anos de idade. Aproximadamente 78,5 % das mulheres com 19 anos de idade já tiveram a primeira relação sexual.

Anteriormente a relação sexual era tratada de forma censurada e recatada, atualmente a mídia expõe o sexo de forma vulgar e fria, sendo apresentado aos

jovens de maneira superficial, como uma fonte de prazer deixando de lado o afeto e o respeito que deve existir entre os parceiros. (JUNQUEIRA, 2017).

Segundo Lins, et al (2017), o costume sexual é desenvolvido por partes e engloba múltiplos fatores tais como: a orientação sexual do jovem, as condições de vida em que o adolescente vive e sua cultura, portanto a vivência sexual saudável está diretamente ligada ao nível de conhecimento que o jovem possui em relação a educação sexual.

Convém lembrar que a iniciação sexual adiantada, o não uso ou a falta de conhecimento em relação ao preservativo e a escolha por ter mais de um parceiro são as principais causas de vulnerabilidade a ISTs. Porém mesmo apresentando um conhecimento sobre educação sexual e sabendo dos riscos, os jovens optam pela não adesão do preservativo, geralmente por influência e vergonha dos colegas, baseando-se no pensamento de que “uma vez só não causará danos.” (SANTOS, et al; 2017).

Sendo assim, mesmo que o preservativo seja o método contraceptivo mais eficiente, os adolescentes brasileiros estão optando pelo não uso do preservativo gerando um surto de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), que segundo o Ministério da Saúde, entre os brasileiros com faixa etária entre 15 a 24 anos, apenas 56,6% usam camisinha no ato sexual, e além da preocupação com o HIV, o risco da contaminação da sífilis está cada vez mais chamando a atenção dos especialistas. (JORNAL USP, 2018).

Dados epidemiológicos revelam que índice de pessoas infectadas pelo vírus do HIV/AIDS praticamente dobrou entre os jovens de 15 a 19 anos de idade, passando de 2,8% de casos por 100 mil habitantes para 5,8 % casos, e atualmente, há no Brasil aproximadamente 827 mil pessoas estão infectadas pelo vírus do HIV e cerca de 110 mil brasileiros possuem o vírus e não sabem, já quanto às sífilis pessoas de sexo feminino de 20 a 29 anos de idade alcançam 26,2% dos casos, já o sexo masculino simboliza 13,6%. (BRASIL, 2018).

Segundo o MS, cerca de quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos todos os anos no país, no entanto, partes desses adolescentes iniciam a vida sexual sem o uso do preservativo. (RIBEIRO, et al., 2011 ).

É importante que o adolescente tenha conhecimentos a respeito dos métodos contraceptivos, já que nessa etapa da vida existem dúvidas referentes à relação sexual, infertilidade e até mesmo o ciclo menstrual, isso porque a sociedade impõe

grandes restrições em volta desses assuntos, é nessa fase que o corpo está em constante desenvolvimento e os desejos sexuais começam a aflorar, por esse motivo o jovem acaba por iniciar a vida sexual despreparado. (ALMEIDA et al; 2018).

Portanto o início da vida sexual deve ser explanado com transparência e honestidade, uma vez que a prática sexual não traz somente prejuízos e danos à saúde, os pais e educadores devem enfatizar que se realizado com responsabilidade é uma forma de saúde e prazer. (DA SILVA et al., 2018).

#### 4.3 INCIDÊNCIA DE GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

A gestação na adolescência acontece desde o século XX uma vez que a menina tinha que casar assim que a menarca ocorresse, e neste período o casamento arrumado era algo que acontecia normalmente, mas somente a partir da Revolução Industrial as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho, a partir daí a mulher começa a conciliar a vida profissional com a pessoal, ou seja, um filho nessa fase da vida poderia comprometer o lado financeiro e profissional. (, 2016).

Atualmente no Brasil o índice de gestação na adolescência cresce cada dia mais, tornando-se um problema universal devido aos malefícios que uma gravidez precoce pode acarretar na vida dos adolescentes, vale ressaltar que gravidez na adolescência aquela que acontece entre os 10 e 19 anos de idade. (CONCEIÇÃO e ALVEZ, 2018).

No mundo, a cada ano, ficam grávidas aproximadamente 16 milhões de adolescentes entre 15 e 19 anos de idade, e 2 milhões de adolescentes menores de 15 anos, onde o Brasil tem a sétima maior taxa de grávidas adolescentes da América do Sul, empatando com Peru e Suriname, com um índice de 65 gestações para cada 1 mil meninas de 15 a 19 anos, segundo dados referentes ao período de 2006 a 2015. (ONU, 2018).

O Brasil tem 68,4 bebês nascidos de mães adolescentes a cada mil meninas de 15 a 19 anos, diz relatório da Organização Mundial da Saúde, em que o índice brasileiro por sua vez, está acima da média latino – americana estimada em 65,5, e no mundo, a média é de 46 nascimentos a cada mil. (OMS, 2018).

De acordo com a pesquisa divulgada pela Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, indica que a média de gravidez na

adolescência em Rondônia é de mais 27% de meninas entre 10 e 19 anos de idade. A região norte, teve os maiores índices, de acordo com o dossiê, e Rondônia perde para os estados do Acre (28,62%), Amapá (28,85%), Amazonas (29,22%) e Pará (29,96%). A média brasileira é de 20%, registrando mais de 235 mil gestações não planejadas de mulheres jovens por ano. (SANTOS e SILVA, 2018).

Segundo o MS (2017) 66 % das gestações em adolescentes não são planejadas, a fim de reduzir esses casos, o Ministério da Saúde tem investido em políticas de educação em saúde e em ações para o planejamento familiar e reprodutivo. Portanto a gravidez na adolescência tem sido cada dia mais tema de pesquisas, palestras e discussão pelo Ministério da Saúde a fim de achar meios de diminuir o índice elevado. Mas a preocupação maior das autoridades públicas é que a ocorrência dos casos tem acontecido na faixa etária de 10 a 14 anos de idade, fase que até um tempo atrás ainda era denominada como “pré- adolescência”.

#### **4.3.1 Fatores Socioeconômicos**

O número elevado em relação à gravidez na adolescência pode ser justificado por inúmeras causas entre elas: razões econômicas, desajustes familiares e comportamentos individuais. (NASCIMENTO, et al, 2018).

Jager, et al (2017), afirma que a maior causa da gestação na adolescência é a iniciação sexual precoce, uma vez que os adolescentes desconhecem a forma correta de fazer uso dos métodos contraceptivos.

A gestação na adolescência ocorre principalmente pela falta de informações que normalmente são adquiridas através de outros colegas que também são inexperientes, e a falta de acesso a métodos contraceptivos também é um grande problema entre os jovens apesar do SUS ofertar de formas gratuitas todos os métodos contraceptivos o adolescente sente vergonha e medo. (DE SA et al., 2019).

Mendonça e Araújo (2010) relatam que apesar das diversas campanhas os adolescentes possuem pouco conhecimento em relação a métodos contraceptivos ou se conhecem as informações são transmitidas de maneira errada já que existem mitos a respeito desse tema, como por exemplo, acreditar que o DIU causa incômodo na prática sexual.

Já no que diz respeito à Atenção Básica de Saúde (ABS), existem obstáculos em relação à execução e implantação de ações voltadas para o público adolescente, uma vez que os jovens não consideram as UBS como um lugar de conversas educativas e preventivas limitando o pensamento de que a UBS é somente curativa. (PINHEIRO et al., 2017).

Guesser (2016), ressalta que a primeira conversa a respeito de sexualidade deveria acontecer no âmbito familiar, porém a cultura, e até mesmo os despreparo dos pais dificulta esse diálogo, falta de confiança entre pais e filhos resultam em diversas consequências entre elas a gravidez precoce.

Para Krabbe, et al (2016), em alguns lares, sexo é um assunto extremamente proibido o que acaba fazendo com que o adolescente vá em busca de informação na internet ou com colegas, e na grande maioria das vezes essas informações são transmitidas de maneira incorreta, tornando os adolescentes um grupo de risco.

Estudos apontam que cerca de 40% dos adolescentes no Brasil nunca conversaram com seus pais a respeito de sexualidade, 33% nunca tiveram aula de educação sexual no âmbito escolar e somente 20% vão ao ginecologista depois da menarca (BRASIL, 2017).

Conforme exposto por Santos, et al (2019), ainda que a gestação na adolescência aconteça em todos os grupos, ela está diretamente ligada com a baixa renda e pouca escolaridade. É válido ressaltar que 30% das parturientes que engravidam durante a adolescência acabam engravidando novamente no primeiro ano do pós-parto. A maioria das meninas declara não fazer o uso do preservativo por objeção de seus parceiros ou por manterem um relacionamento somente com um homem.

Um estudo realizado pela UNESP (2017) demonstrou que os jovens explicam o fato de não usarem preservativo justificando que “nessa situação não dá para pensar em mais nada” ou afirmam “não sentir prazer ao usar o preservativo”. Alguns adolescentes sendo a maioria do sexo feminino relatam “ter mais receio de uma gravidez não planejada do que uma IST”, e de acordo com Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) 3.8 % dos jovens na idade de 15 a 17, já tem uma vida sexual ativa e não faz uso do preservativo.

De acordo com uma pesquisa efetuada pela USP (2018), 81% dos adolescentes fizeram uso de um determinado tipo de método contraceptivo, contudo

o mais usado é preservativo masculino e pílula anticoncepcional, entre os adolescentes com a sexualidade ativa 60% afirma que já utilizaram a pílula de emergência justificando que estavam sem o preservativo na hora da relação sexual.

Dos métodos mais usados entre os jovens destacam-se o coito interrompido e a tabelinha, e nenhum deles é apropriado para esta faixa etária uma vez que o risco de falha é grande e exigem um grande autodomínio e conhecimento do próprio corpo, não devem ser indicados, mas é fundamental que seja explicado a forma correta de uso. (BERNARDO et al., 2017).

De Carvalho, et al (2016), afirma que menos de 20% das escolas públicas brasileiras têm educação sexual ampla e contínua no ensino médio e fundamental, prejudicando e colocando em risco a qualidade de vida dos adolescentes.

#### **4.3.2 Consequências da Gestação Precoce**

No momento em que ocorre a gravidez precoce a condição de pobreza somada à falta de maturidade, controle emocional, e o não apoio do parceiro ou até mesmo da própria família, corroboram para o aumento das dificuldades. (LEAL, et al.,2017).

É importante ressaltar que maioria dos casos de gestação precoce é tratada como um problema exclusivo do sexo feminino, visto que não existem números específicos sobre quantos adolescente se tornaram pais, as pesquisas envolvendo o sexo masculino estão ligadas somente a sexualidade. (AMARAL et al., 2016).

A paternidade na adolescência acarreta inúmeras transformações, o medo de não possuir responsabilidade o suficiente para criar um filho, com isso resulta no abandono da gestante e do filho, sendo um dos maiores problemas envolvendo gestação precoce. (RODRIGUES et al., 2019).

A gestação na adolescência traz consigo diversos problemas físicos uma vez que o corpo não está totalmente formado e desenvolvido, por isso existe uma maior probabilidade de ocorrer um parto prematuro, descolamento de placenta, aborto espontâneo e/ou provocado, além do mais é provável que ocorra a subtração do peso e anemia. (SILVA et al.,2015)

Existem também os problemas psicológicos visto que as adolescentes não se sentem preparadas e maduras, o que pode causar depressão durante a gestação e no pós-parto, problemas com autoestima e conflitos amorosos com o cônjuge devido a imaturidade. (GOMES, et al, 2016).

Sponholz, et al (2019), afirma que a depressão pós parto costuma acontecer com maior frequência em puérperas entre 15 e 19 anos de idade devido as novas emoções e o isolamento familiar, influenciando diretamente na criação e educação de vida da criança uma vez que a mãe não sente vontade de cuidar e/ou dar o afeto necessário.

Para Gomez, et al (2019), a gestação na adolescência acarreta inúmeras mudanças físicas e mentais, essas mudanças acabam influenciando o afastamento da adolescente nas atividades escolares, já que a mãe adolescente deverá lidar com os afazeres e responsabilidades maternas e as atividades da escola ao mesmo tempo. Alguns estudos demonstram que 35% das adolescentes que tiveram uma gestação não planejada deixaram a escola, e essa é a terceira maior causa de desistência escolar.

Miura, et al (2018), salienta que é de total relevância que mulher gestante receba afeto e apoio, seja pela família ou pelo parceiro visto que só diante do cuidado, que mãe irá alcançar o seu lado materno e protetor, o que na realidade pouco ocorre durante a gravidez na adolescência já que geralmente a jovem se isola da família e amigos.

Por outro lado, aborto provocado é apontado como um dos maiores fatores de risco durante uma gestação não planejada, que após a descoberta da gravidez é normal surgirem sentimentos de medo e incerteza, onde muitas vezes se sobrepõe diante da situação, ocasionando condutas precipitadas que podem causar danos pro resto da vida. (LEAL e CASTELAR, 2019).

É válido citar que a reincidência da gestação na adolescência vem aumentando com o passar do tempo, onde estudos comprovam que 25% de 1,1 milhões das mães adolescentes já tiveram um filho, preocupando assim as equipes de saúde visto que uma gravidez sem planejamento e precoce acarreta grande risco para a saúde do feto e da mãe aumentando a mortalidade feminina e infantil. (RODRIGUES, et al., 2016).

Desse modo é possível notar o quanto uma gestação não planejada e precoce é prejudicial para a saúde do adolescente, causando alterações na saúde

física e mental do jovem, como também problemas sociais e afetivos. (AZEVEDO, et al., 2015).

#### 4.4 O ENFERMEIRO COMO AGENTE NA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ PRECOCE

##### 4.4.1 Planejamento Familiar

No ano de 1996, o Congresso nacional aprovou a LEI Nº 9.263, que regulamenta o planejamento familiar. A lei estabelece que o SUS, em todos os seus graus de atendimento deve assegurar que a mulher, homem ou casal obtenham a assistência à concepção e contracepção.

O planejamento familiar é uma maneira de garantir e possibilitar que a população receba informações a respeito de métodos contraceptivos diretamente da equipe de saúde de uma forma segura. (ARPINI et al; 2017).

Luiz, et al (2015), afirma que a assistência à saúde sexual e reprodutiva tem sido prioridade na Atenção Básica de Saúde (ABS), apesar da lei ter sido aprovada no ano de 1 ainda existem diversos problemas ligados ao acesso a assistência e até mesmo a distribuição de insumos.

Frente ao número elevado de gestação precoce e não planejada, o profissional de enfermagem deve estar apto para acolher o adolescente fornecendo conhecimento e educação em saúde, empregando uma comunicação adequada e ações criativas. Desse modo o planejamento familiar ocorrerá com total autonomia, visto que os adolescentes estarão aprendendo através de informações prestadas pela equipe de enfermagem. (FIGUEIREDO, et al;2017).

De acordo com o Código Civil Brasileiro o planejamento familiar é um direito de todo indivíduo, incluindo os adolescentes, e é fundamental um atendimento sistêmico e multidisciplinar já que o adolescente é o principal grupo de risco, por isso é possível afirmar que devem ser executadas novas ações voltadas para esse público. (CATAFESTA et al., 2015).

Para Silva Ribeiro, et al (2015), existe a necessidade de um entrosamento entre o profissional de enfermagem e o adolescente, afim de promover uma confiança e diálogos sobre saúde sexual e reprodutiva assim, o jovem obtém

informações quanto ao auto cuidado, quanto ao evitar a gravidez precoce e indesejada e quanto a forma correta de utilizar os métodos contraceptivos.

Araújo e Nery (2018), afirmam que apesar de alguns estudos indicarem um índice alto do uso de métodos contraceptivos no Brasil, a gravidez na adolescência ainda ocorre com grande frequência, o que indica falha na assistência à saúde sexual e reprodutiva.

Almeida e Assis (2017), relatam que o SUS oferece de forma gratuita oito diferentes métodos contraceptivos sendo eles: preservativos femininos e masculinos, DIU, pílula de anticoncepção de emergência, pílula anticoncepcional e o diafragma.

Contudo o número elevado de gestação precoce e indesejada ocorre por falta de informação e planejamento. Dentre as atribuições do enfermeiro está a de prestar uma assistência de qualidade durante a consulta de enfermagem, onde o profissional deve incentivar o uso do preservativo masculino ou feminino, explicando-os os outros métodos que podem estar associados ao uso de preservativos, por isso é necessário um enfoque maior ao diálogo baseado na confiança e trocas de experiências, dessa forma o jovem recebe informações de segurança. (BRASIL,2019).

#### **4.4.2 Educação Sexual**

Atualmente a escola é o ambiente mais adequado para realizar ações preventivas relacionadas à sexualidade, ao se realizar as atividades preventivas os profissionais de saúde devem debater o assunto de forma sistemática e clara promovendo o esclarecimento de mitos e tabus referente ao assunto proporcionando a reflexão a respeito de todos os assuntos que envolvem sexualidade tais como: princípios, preconceitos e experiências. (SILVA, et al., 2015).

É importante destacar que a educação sexual e reprodutiva não incentiva a iniciação sexual precoce ou cause confusão na cabeça dos jovens, pelo contrário, informa e esclarece dúvidas quanto a métodos contraceptivos, ISTS e gravidez não planejada. (DE OLIVEIRA; LANZA, 2018).

Rodrigues (2016), afirma que se faz necessário elaborar novas medidas educativas que proporcionem liberdade e independência do adolescente,

especialmente para o sexo feminino que incentive o empoderamento acerca de sua sexualidade e saúde reprodutiva.

As medidas preventivas em relação às ISTs e sexualidade são baseadas em orientação e esclarecimento de dúvidas, em que o enfermeiro deve incentivar comportamentos seguros que amenizem as infecções e estimulem costumes saudáveis. (NASCIEMNTO et al., 2018).

O profissional de enfermagem da UBS tem uma participação relevante na educação sexual, uma vez que possui uma enorme familiaridade com as transformações da adolescência e a respeito de infecções sexualmente transmissíveis, sendo assim as medidas preventivas são executadas por profissionais capacitados a fim de prevenir os adolescentes de forma segura e clara. (RAMOS et al., 2018).

No ano de 2007 foi fundado o PSE (Programa Saúde na Escola), que visa levar a equipe da atenção básica ao âmbito escolar promovendo o bem estar aos estudantes discutindo inúmeros temas, e é através desse programa que o enfermeiro pode trabalhar de forma interdisciplinar com a equipe da escola de forma informal como em rodas de conversas, caixas de dúvidas e jogos, deixando o adolescente à vontade para tirar todas suas dúvidas. (SANTA CATARINA; 2019).

O PSE tem por objetivo debater assuntos da atualidade e conteúdos referentes à sexualidade em centros escolares, e a atuação do enfermeiro junto a sua equipe multidisciplinar é essencial nas medidas preventivas, a respeito das dúvidas e conflitos que ocorre durante a adolescência, visto que o enfermeiro tem contato com a comunidade e por ter a função de promover saúde. (FREIRE, et al., 2019).

O público alvo do PSE são todos os alunos matriculados na educação básica e na rede federal, as ações desenvolvidas na escola são definidas através da área de abrangência da Estratégia Saúde da Família (ESF), professores e equipe de saúde devem trabalhar de forma multidisciplinar. (ARAUJO; 2014).

As ações educadoras aparecem como aliada da família, uma vez que o enfermeiro deve não somente aconselhar os jovens, mas também dialogar com os pais já que nessa fase ocorrem diversos conflitos, portanto cabe ao enfermeiro buscar estratégias a fim de facilitar o diálogo entre pais e filhos, aconselhando e trocando ideias com ambas as partes. (ASSIS, et al., 2014).

Nesse cenário a conduta da equipe de enfermagem deve ser realizada de uma maneira convincente, já que buscam impor atitude adequada para uma melhoria a saúde e qualidade de vida, pois os profissionais de saúde estão aptos a desenvolver ações preventivas, enfatizando conversas informativas, levando em consideração a cultura e particularidade de cada um. (GUETERRES, et al; 2017).

As ações educativas devem ser executadas em grupo proporcionando uma interação entre os adolescentes e o profissional de saúde e é importante considerar a opção sexual e a realidade que cada indivíduo vivencia outro ponto importante é que o profissional de enfermagem identifique qual o nível de conhecimento dos jovens a respeito dos métodos contraceptivos. (SOBRINHO et al., 2017).

Além disso, através da busca ativa o enfermeiro tem a possibilidade de identificar e traçar o perfil socioeconômico das jovens gestantes e identificar qual a razão da gravidez precoce, sendo capaz de buscar medidas preventivas de acordo com cada realidade. (PEREIRA, et al; 2018).

Para De Arujo (2015), as ações voltadas para saúde sexual, se iniciam tarde somente no final do ensino médio, e devem ser feitas por meio de conversas informais, porém com informações seguras. Para estimular um senso crítico e reflexivo a respeito de saúde e sexualidade é necessária a união entre a escola, família e a UBS.

Costa (2016), afirma que o enfermeiro deve ser criativo ao planejar ações voltadas para o público adolescente, uma boa abordagem seria uma palestra em forma de teatro em que a própria equipe iria atuar de forma descontraída, dando espaço para o público interagir com a equipe.

Através da ESF o enfermeiro é capaz de proporcionar encontros de jovens, como por exemplo, o que ocorreu no município de Ponta Grossa – Paraná, onde um grupo de adolescentes foi formado, a fim de discutir diversos assuntos relacionados à saúde incluindo sexualidade, tema em que toda equipe da UBS se envolveu na dinâmica facilitando a comunicação, dessa forma ocasionou que os adolescentes participantes do grupo realizassem a atividade de forma ativa, esclarecendo todas as dúvidas sobre o tema proposto. (PONTA GROSSA; 2016).

A fim de explicar sobre educação sexual e tirar dúvidas dos jovens, um enfermeiro especialista em sexualidade humana inovou e aproveitou a tecnologia para desenvolver uma ferramenta no WhatsApp, chamada “ZAPrevenção”, divulgado nas escolas além de promover educação sexual aos adolescentes o

enfermeiro também orienta os pais sobre como lidar com os conflitos da adolescência. (CONFEN, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, tornou-se evidente que adolescência é uma fase inevitável e dentre inúmeras descobertas e mudanças no decorrer da vida, devido ao desenvolvimento do corpo e manifestações hormonais, onde os desejos sexuais começam a aflorar, que por sua vez, se não forem vivenciados de maneira adequada podem acarretar consequências irreversíveis na vida dos jovens tais como ISTs e gravidez precoce.

Contudo, diante do elevado número de gestação precoce se tornou um problema de saúde pública, entre os fatores associados destacam-se: falta de acesso à informação segura, métodos contraceptivos, falta de diálogo com os pais, iniciação sexual precoce, baixa escolaridade, baixas condições socioeconômicas, e a falta de políticas públicas voltadas para os adolescentes.

É válido mencionar a falta de preparo da equipe de saúde em relação a esse tema ao tratarem a adolescência como uma simples fase da vida e não desenvolverem as medidas preventivas de maneira correta.

Dessa forma é importante ressaltar que o profissional de enfermagem da ABS pode e deve atuar como educador e promover ações voltadas para o público adolescente de uma maneira que leve os jovens a fazerem uma reflexão antes de tomarem qualquer decisão.

Conclui-se que o enfermeiro tem um papel fundamental na prevenção da gravidez na adolescência, visto que está sempre em contato direto com a população podendo promover a educação em saúde através de palestras nas escolas, praças, igrejas e nas consultas de enfermagem buscando sempre a inovação e qualidade na assistência prestada.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, ANEARLHE CRUZ et al. Conhecimento sobre a contracepção de emergência por adolescentes de uma escola pública de Lago Verde, Maranhão, Brasil. **REVISTA UNINGÁ REVIEW**, v. 27, n. 1, 2018. Disponível:< <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1817>>. Acesso em: 05 Mar 2019.

ARAÚJO, Juliane Pagliari et al. História da saúde da criança: conquistas, políticas e perspectivas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 67, n. 6, p. 1000-1007, 2014. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/2670/267032876020.pdf>>. Acesso em: 25 Jun 2019.

ASSIS, Simone Gonçalves de; GOMES, Romeu; PIRES, Thiago de Oliveira. Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, p. 43-51, 2014. Disponível em:< [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S003489102014000100043&script=sci\\_arttext&tlng=es](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S003489102014000100043&script=sci_arttext&tlng=es)>. Acesso em: 15 Agosto 2019.

AZEVEDO, Walter Fernandes de et al. Complicações da gravidez na adolescência: revisão sistemática da literatura. **Einstein (São Paulo)**, v. 13, n. 4, p. 618-626, 2015. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167945082015000400618&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167945082015000400618&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 20 Jun 2019.

BERNARDO, Luis Antonio Silva; DE OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti. Problemas emocionais e de comportamento em adolescentes grávidas. **Psicologia Argumento**, v. 33, n. 81, 2017. Disponível em:< <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19901>>. Acesso em: 29 Agosto 2019.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NAKAMURA, Eunice. Normas sociais de iniciação sexual entre adolescentes e relações de gênero. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 17, n. 1, 2009. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/2814/281421904015.pdf>>. Acesso em: 03 Maio 2019.

Brasil Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico HIV/Aids** 2018. Disponível em:< <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018>>. Acesso em 07 Jun 2019.

Brasil Ministério da Saúde. **Gravidez na adolescência tem queda de 17% no Brasil** 2017. Disponível em:< <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/28317-gravidez-na-adolescencia-tem-queda-de-17-no-brasil>>. Acesso em: 25 Jun 2019.

BURATTI, Aline et al. PUBERDADE PRECOCE CENTRAL E PERIFÉRICA. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 8, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/616>. Acesso em: 30 Agosto 2019.

CANAVEZ, Márcia Figueira; ALVES, Alisson Rubson; CANAVEZ, Luciano Simões. Fatores predisponentes para o uso precoce de drogas por adolescentes. **Cadernos unifoa**, v. 5, n. 14, p. 57-63, 2017. Disponível em:< <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1021>>. Acesso em: 25 de Jun 2019.

CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em:< <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617>>. Acesso em: 25 jun 2019.

CARVALHO, Renato Gomes et al. Relações de amizade e autoconceito na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. **Estudos de Psicologia**, v. 34, n. 3, p. 379-388, 2017. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/service/redalyc/downloadPdf/3953/395354223006/8> >. Acesso em: 08 Agosto 2019.

CATAFESTA, Gabriela et al. Consulta de enfermagem ginecológica na estratégia saúde da família. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 22, n. 1, p. 85-90, 2015. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750948008.pdf>>. Acesso em: 20 Jul 2019.

CONCEIÇÃO, Rosane da Anunciação; ALVES, Anelise Maria Costa Vasconcelos. Gravidez na adolescência. 2018. Disponível em:< <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/1138>>. Acesso em: 15 JUL 2019. Acesso em: 09 Jul 2019.

CONFEN Conselho Federal de Enfermagem. **Enfermeiro cria projeto para orientar adolescentes sobre educação sexual** 2019. Disponível em:< [http://www.cofen.gov.br/enfermeiro-cria-projeto-para-orientar-adolescentes-sobre-educacao-sexual\\_70546.html](http://www.cofen.gov.br/enfermeiro-cria-projeto-para-orientar-adolescentes-sobre-educacao-sexual_70546.html)>. Acesso em: 05 Agosto 2019.

COSTA, Alexeis Farinas. Plano de intervenção para diminuir a gravidez na adolescência na UBS Canafístula I do município de Girau do Ponciano-AL. 2016. Disponível em:< [https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/plano\\_interven%C3%A7ao\\_para\\_diminuir\\_gravidez-na-adolescencia.pdf](https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/plano_interven%C3%A7ao_para_diminuir_gravidez-na-adolescencia.pdf)>. Acesso em: 25 Agosto 2019.

DA SILVA RIBEIRO, Viviana Carla et al. Papel do enfermeiro da estratégia de saúde da família na prevenção da gravidez na adolescência. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, 2016. Disponível em:< <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/881>>. Acesso em: 15 Jul 2019.

DA SILVA, Talitha Macêdo; BENTO, Halaine CP; LIMA, Aléxya CB. ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BOA VISTA-RORAIMA. **Revista Compartilhar-Reitoria**, v. 3, n. 1, p. 30-33, 2018. Disponível em:< <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/compartilhar/article/view/1033>>. Acesso em: 13 Maio 2019.

DE ARAÚJO, Alessandra Vanessa Simões et al. O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 13, n. 2, p. 117-127, 2015.<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002015000300287&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002015000300287&script=sci_arttext)>. Acesso em 14 Jun 2019.

DE CARVALHO, Rodrigo Saballa; GUIZZO, Bianca Salazar. Políticas curriculares de educação infantil: um olhar para as interfaces entre gênero, sexualidade e escola. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 45, 2016. Disponível em:<<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/2294>>. Acesso em: 15 Jul 2019.

DE LIMA, Ana Ruth Vieira et al. CONHECIMENTO DOS ADOLESCENTES SOBRE AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: APLICAÇÃO DE UM ÁLBUM SERIADO. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, v. 3, n. 2, 2019. Disponível em:<<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/3299>>. Acesso em: 17 Jun 2019.

DE OLIVEIRA CAMPOLINA, Luciana; DE OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes. Aspectos semióticos da transição infância-adolescência: o contexto da escola. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 70, 2017. Disponível em:<<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20483/19737>>. Acesso em: 30 agosto 2019.

DE OLIVEIRA, Maria Joana Pires; LANZA, Leni Boghossiam. Educação em saúde: doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 20, n. 3, p. 138-141, 2018. Disponível em: <<http://ken.pucsp.br/RFCMS/article/view/33821>>. Acesso em: 05 agosto 2019.

DE SÁ, Simone Aline Araújo Guimarães et al. DIALOGANDO SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA COM ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ

ESMERINDO RIBEIRO–PETROLINA/PE. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 5, n. 16, p. 11338, 2019. Disponível em:< <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/11338>>. Acesso em 02 Agosto 2019.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto): cadernos de psicologia e educação**. Vol. 20, n. 45,(jan./abr. 2010), p. 123-131., 2010. Disponível:< <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n45/a15v20n45>>. Acesso em: 12 Mar 2019.

DIAS, Ana Cristina Garcia; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia (Ribeirão Preto): cadernos de psicologia e educação**. Vol. 20, n. 45,(jan./abr. 2010), p. 123-131., 2010. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n45/a15v20n45>>. Acesso em: 12 Jul 2019.

FERRIANI, Maria das Graças Carvalho et al. Adolescência, puberdade e nutrição. **Associação Brasileira de Enfermagem Adolscer: compreender, atuar, acolher Brasília (DF): ABEn**, p. 77-92, 2011. Disponível em:< <http://www.abennacional.org.br/revista/cap3.2.html>>. Acesso em: 11 Maio 2019.

FIEDLER, Milla Wildemberg; ARAÚJO, Alisson; DE SOUZA, Márcia Christina Caetano. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 24, n. 1, p. 30-37, 2015. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/714/71438421004.pdf>> Acesso em: 15 agosto 2019.

FIGUEIREDO, Gilvânio Marcos de. Participação do profissional de enfermagem na atenção à saúde do adolescente. 2016. Disponível em:< <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/4398>>. Acesso em: 14 Jun 2019.

FILHA, Vera Lúcia de Moura Sena; CASTANHA, Alessandra Ramos. Profissionais de unidades de saúde e a gravidez na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 8, 2014. Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4808614>>. Acesso em: 09 Mar 2019.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérqamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 139-144, 2015. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922015000200139&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198402922015000200139&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 19 Jun 2019.

FREIRE, Brenda. CONDOTA DO ENFERMEIRO NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA ADOLESCENTES DENTRO DA ESTRATEGIA E SAÚDE DA FAMÍLIA. 2019. Disponível em:< <http://repositorio.anhanguera.edu.br:8080/handle/123456789/177>>. Acesso em: 29 Agosto2019.

FREITAS, Adriana Silva de et al. A contribuição da enfermagem na prevenção da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. 2018. Disponível em:<<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/2082/A%20CONTRIBUI%C3%87%C3%83O%20DA%20ENFERMAGEM%20NA%20PREVEN%C3%87%C3%83O%20DA%20GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESC%C3%84NCIA%20%20UMA%20REVIS%C3%83O%20INTEGRATIVA.pdf?sequence=1>>. Acesso em 07 de março de 2019.

GOMES, Ana Maria. O impacto da gravidez na escolaridade das adolescentes. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em:< <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2659>>. Acesso em: 06 Jun 2019.

GUESSER, Adriana Petri et al. Gravidez na adolescência: causas e impacto na vida escolar de mulheres jovens de um município rural de Santa Catarina. 2016. Disponível em:< [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173910/TCC\\_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173910/TCC_final.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 05 Jun 2019.

GUETERRES, Évilin Costa et al. Educação em saúde no contexto escolar: estudo de revisão integrativa. **Enfermería Global**, v. 16, n. 2, p. 464-499, 2017. Disponível em: < <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/235801>>. Acesso em: 15 jun 2019.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatista. **Pirâmide Etária** 2018. Disponível em: < <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>>. Acesso em 05 Abril 2019.

JAGER, Márcia Elisa et al. A opinião de estudantes de medicina e enfermagem sobre gravidez na adolescência. **Psicologia Argumento**, v. 32, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20437>>. Acesso em: 03 Agosto 2019.

JORNAL DA USP. **Contraceptivos tradicionais são os mais usados entre os adolescentes**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/contraceptivos-tradicionais-sao-os-mais-usados-por-adolescentes/>>. Acesso em: 20 Jun 2019.

JUNQUEIRA, Victoria Alves. INICIAÇÃO SEXUAL: UMA ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NA JUVENTUDE FEMININA CONTEMPORANEA. **CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 23, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17516>>. Acesso em: 06 Agosto 2019

KRABBE, Elisete Cristina et al. Conhecimento, atitudes e práticas com relação ao uso do preservativo no IEE professor Annes Dias. **REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <[http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/102-111/pdf\\_133](http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/view/102-111/pdf_133)>. Acesso em: 10 Jun 2019.

LAGES DE ARAÚJO, Anna Karolina; NERY, Inez Sampaio. CONHECIMENTO SOBRE CONTRACEPÇÃO E FATORES ASSOCIADOS AO PLANEJAMENTO DE GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 2, 2018. Disponível

em<<http://www.saude.ufpr.br/portal/revistacogitare/wpcontent/uploads/sites/28/2018/05/55841-233996-1-PB.pdf>>. Acesso em: 15 Jul 2019.

LEAL, Maria Alice Ramos Ferreira; CASTELAR, Marilda. Abortamento na Adolescência: Atuação de Psicólogas em Hospitais-Maternidade Públicos de Salvador, Bahia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, p. 9, 2019. Disponível em:<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6978793>>. Acesso em: 19 de Jun 2019.

LINS, Laís Sandres et al. Análise do comportamento sexual de adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 30, n. 1, 2017. Disponível em:<<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/5760>>. Acesso em: 20 JUN 2019.

LONGO, Luciene AF de B.; RIOS-NETO, Eduardo LG. Virgindade matrimonial e iniciação sexual: uma análise temporal. **Anais**, p. 241-261, 2016. Disponível em:<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a131.pdf>>. Acesso em: 30 Jun 2019.

LOPES, Christiane Vieira. Tecendo a sexualidade entre avós, mães e filhas: um estudo exploratório sobre as mulheres no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto/MG. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/9442>>. Acesso 08 Jun 2019.

LUIZ, Marcia dos Santos; NAKANO, Andreza Rodrigues; BONAN, Claudia. Planejamento reprodutivo na clínica da família de um Teias: condições facilitadoras e limites à assistência. **Saúde em debate**, v. 39, p. 671-682, 2015. Disponível em:<<https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S010311042015000300671&script=sciabstract>> Acesso em:24 Jun 2019.

MENDES, Lorena Karina Abreu; CASSINO, Luciana. Os Conflitos Emocionais Vivenciados pelos Adolescentes durante o processo de Escolha Profissional. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 3, 2017. Disponível em:<<http://jornal.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/314/108>>. Acesso em: 20 Jun 2019

MENDONÇA, Rita de Cássia Magalhães; DE ARAÚJO, Telma Maria Evangelista. Análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 6, p. 1040-1045, 2010. Disponível:< <https://www.redalyc.org/pdf/2670/267019463026.pdf>>. Acesso em: 10 Jun 2019.

MIURA, Paula Orchiucci et al. O desamparo vivenciado por mães adolescentes e adolescentes grávidas acolhidas institucionalmente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1601-1610, 2018. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232018000501601&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232018000501601&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 30 Jun 2019.

MONTEIRO, Rosana Juliet Silva et al. DECIDIX: encontro da pedagogia Paulo Freire com os serious games no campo da educação em saúde com adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2951-2962, 2018. Disponível em:< <https://www.scielosp.org/article/csc/2018.v23n9/2951-2962/pt/>>. Acesso em: 18 Jun 2019

MORAES, Laura de et al. Iniciação sexual precoce e fatores associados: uma revisão da literatura. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 20, n. 1, p. 59-73, 2019. Disponível em:< [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S164500862019000100005](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164500862019000100005)>. Acesso em: 30 Agosto 2019 .

MOURA, Araujo et al. Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. **Revinter**, v. 8, n. 2, 2015. Disponível em:< [https://www.researchgate.net/profile/Jayne\\_Moura/publication/324619283\\_Conversas\\_de\\_adolescentes\\_sobre\\_drogas\\_e\\_sexualidade\\_um\\_relato\\_de\\_experiencia/links/5bcd36b4299bf17a1c6619e4/Conversas-de-adolescentes-sobre-drogas-e-sexualidade-um-relato-de-experiencia.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jayne_Moura/publication/324619283_Conversas_de_adolescentes_sobre_drogas_e_sexualidade_um_relato_de_experiencia/links/5bcd36b4299bf17a1c6619e4/Conversas-de-adolescentes-sobre-drogas-e-sexualidade-um-relato-de-experiencia.pdf)> Acesoo em 19 Jun 2019

MOZZAQUATRO, Caroline de Oliveira; ARPINI, Dorian Mônica. Planejamento familiar e papéis parentais: o tradicional, a mudança e os novos

desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 923-938, 2017. Acesso em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932017000400923](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932017000400923)>. Acesso em 09 agosto 2019.

MUNSLINGER, Ivete Maria et al. A maternidade na perspectiva de mães adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 3, p. 357-363, 2016. Disponível em:<<http://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/13491/16212>>. Acesso em: 09 Mar 2019.

Nações Unidas Brasil. **Taxa de gravidez adolescente no Brasil está acima da média latino-americana e caribenha** 2018. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha/>>. Acesso em 02 Set 2019.

NASCIMENTO, Bruna da Silva et al. El comportamiento sexual de jóvenes universitarios y el cuidado de la salud sexual y reproductiva. **Enfermería Global**, v. 17, n. 49, p. 237-269, 2018. Disponível em :<[http://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1695-&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1695-&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em 30 Jun 2019.

NEVES, Marislan Deusdedith. Experiência como consultora do Programa Saúde na Escola na capacitação dos profissionais da rede de saúde e educação. 2017. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/172979>>. Acesso em: 20 Jun 2019.

NOGUEIRA, Iara Sescon et al. A percepção e formação dos acadêmicos de enfermagem acerca da sexualidade humana. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 9, n. 3, p. 614-619, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505754116002.pdf>> Acesso em: 21 Jul 2019.

PINHEIRO, Aldrin de Sousa; SILVA, Lucia Rejane Gomes da; TOURINHO, Maria Berenice Alho da Costa. A estratégia saúde da família e a escola na educação

sexual: uma perspectiva de intersectorialidade. **Trab. educ. saúde**, v. 15, n. 3, p. 803-822, 2017. Acesso em: 01 Jun 2019.

Prefeitura de Ponta Grossa. **Saúde Compartilhada: UBS reúne grupo de adolescentes para falar sobre sexualidade** 2016. Disponível em: <<http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/32382>>. Acesso em: 05 Agosto 2019.

Presidência da república casa civil. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em:** <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 15 Jul 2019.

Presidência da república casa civil. **LEI Nº 9.263, DE 12 DE JANEIRO DE 1996. Disponível em:** <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9263.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9263.htm)>. Acesso em: 15 ul 2019.

RAMOS, Larissa de Andrade Silva et al. Uso de métodos anticoncepcionais por mulheres adolescentes de escola pública. **Cogitare Enferm**, v. 23, n. 3, p. e55230, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Augusto\\_Araujo\\_Filho/publication/327006668\\_USO\\_DE\\_METODOS\\_ANTICONCEPCIONAIS\\_POR\\_MULHERES\\_ADOLESCENTES\\_DE\\_ESCOLA\\_PUBLICA/links/5b7b288c299bf1d5a718ce8b/USO-DE-METODOS-ANTICONCEPCIONAIS-POR-MULHERES-ADOLESCENTES-DE-ESCOLA-PUBLICA.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Augusto_Araujo_Filho/publication/327006668_USO_DE_METODOS_ANTICONCEPCIONAIS_POR_MULHERES_ADOLESCENTES_DE_ESCOLA_PUBLICA/links/5b7b288c299bf1d5a718ce8b/USO-DE-METODOS-ANTICONCEPCIONAIS-POR-MULHERES-ADOLESCENTES-DE-ESCOLA-PUBLICA.pdf)>. Acesso em: 25 Agosto 2019.

RIBEIRO, Karla Carolina Silveira et al. Adolescência e Sexualidade: Vulnerabilidade às DSTs, HIV/Aids e a gravidez em adolescentes paraibanos. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6878>>. Acesso em: 09 Maio 2019.

RIBEIRO, Wanderson Alves et al. Práticas educativas do enfermeiro na prevenção da gravidez na adolescência: estratégias e perspectivas. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 8, n. 2, p. 58-62, 2017. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1116>>. Acesso em: 20 Jun 2019.

RODRIGUES, Ana Rafaela Souza; DE MORAES BARROS, Wanessa; SOARES, Patrícia Daniele Feitosa Lopes. Reincidência da gravidez na adolescência:

percepções das adolescentes. **Enfermagem em Foco**, v. 7, n. 3/4, p. 66-70, 2016. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/945>>. Acesso em: 15 Maio 2019.

RODRIGUES, Isilda Teixeira; FONTES, Alice. Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 7, n. 2, p. 177-188, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/guara/article/view/15624>>. Acesso em: 25 Agosto 2019.

RODRIGUES, Livia Santos; DA SILVA, Maria Vanuzia Oliveira; GOMES, Maria Amábia Viana. Gravidez na Adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. **Revista Educação e Emancipação**, v. 12, n. 2, p. 228-252, 2019. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/11489>>. Acesso em: 29 Jun 2019

Santa Catarina Secretaria de Estado da Saúde. **PROGRAMA SAUDE NA ESCOLA – PSE** 2019. Disponível em: <<http://www.saude.sc.gov.br/index.php/resultadobusca/programa-saude-na-escola/2584-programas-saude-na-escola>>. Acesso em: 10 Jul 2019.

SANTOS, Adriana Kelly et al. Sexualidade e AIDS no cotidiano escolar: o que dizem os adolescentes?. 2019. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/33734>>. Acesso em 15 Jul 2019.

SANTOS, Camila Pessôa et al. Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes escolares. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 18, n. 2, p. 60-70, 2017. Disponível: <<http://www.portaldepublicacoes.ufes.br/RBPS/article/viewFile/15085/10687>>. Acesso em: 10 Jul 2019.

SANTOS, Caroline Kaiane Brasil dos; SILVA, Janisson Cardozo da. Fatores que influenciam a gravidez na adolescência. 2019. Disponível em:< <http://repositorio.saolucas.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2923/Caroline%20Kaiane%20Brasil%20dos%20Santos,%20Janisson%20Cardozo%20da%20Silva%20%20Fatores%20que%20influenciam%20a%20gravidez%20na%20adolesc%C3%Aancia.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 Jul 2019.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro; ARPINI, Dorian Mônica. A Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, p. 130-144, 2016. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/2820/282044681011.pdf>>. Acesso em 19 Jul 2019.

SCHOR, Néia et al. Adolescência: vida sexual e anticoncepção. Anais, p. 213-239, 2016. Disponível:<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a130.pdf>>. Acesso em: 12 Mar 2019.

SILVA, George Sobrinho et al. Comportamento sexual de adolescentes escolares. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 154-166, 2015. Disponível em:<<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/993>>. Acesso em: 26 Jun 2019.

SOBRINHO, Reinaldo Antonio Silva et al. Percepção dos profissionais da educação e saúde sobre o programa saúde na escola. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 93-108, 2017. Disponível em:<<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/77>>. Acesso em: 17 Jun 2019.

UNESP. **Por que os jovens não usam camisinha?**. Disponível em:<<https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/25616/por-que-os-jovens-nao-usam-camisinha>>. Acesso em: 20 Jun 2019.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**, v. 26, n. 1, p. 6270,

2015.Disponível:<<https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/97602>>. Acesso em: 08 Jun 2019.